

A compreensão do Novo mundo, sua inserção na cultura renascentista e o discurso colonizador sobre a natureza americana – Nova Espanha, século XVI.

MÁRCIA HELENA ALVIM

O mapeamento espanhol da humanidade e potencialidades naturais da Nova Espanha

Durante o século XVI, período inicial da colonização da Nova Espanha, autoridades eclesiásticas e políticas espanholas possuíam, dentre seus propósitos comuns, o interesse em coletar informações sobre o universo cultural, religioso e natural dos indígenas recém-conquistados. Mesmo com objetivos diferenciados, pois enquanto religiosos tentavam identificar a permanência de rituais pré-hispânicos na religiosidade dos indígenas conversos, a Coroa Espanhola buscava mapear suas possessões, foram produzidas importantes obras, além de documentação oficial, que visavam operacionalizar a colonização espanhola nas terras recém-conquistadas. Assim, questionários, descrições, histórias eclesiásticas, histórias naturais, manuais de conversão, gramáticas e dicionários de línguas indígenas, além de documentação oficial e correspondências em geral, foram produzidos durante o século XVI novo-hispano, visando, especialmente, a implementação da colonização e a eficácia da evangelização, duas facetas da mesma estratégia política espanhola na América.

Neste momento, religiosos e autoridades espanholas eram os grandes responsáveis pela elaboração destes documentos, cujos principais destinatários eram seus pares, as autoridades políticas e eclesiásticas e o rei. Dentre os variados motivos que impulsionaram a elaboração destes textos, Viejo Sarabia (2001:416) apresenta,

Centrándonos en el ámbito mexicano del siglo XVI, todavía se entremezclan intereses casi medievales, que buscan la gloria y el triunfo militar personal, con otros más pragmáticos, orientados hacia el desarrollo del virreinato, sus habitantes y sus riquezas, desde una visión occidental en lo político y en lo económico. A través del género epistolar, estos autores trataron de ofrecer a la Corona su visión personal, a veces como premisa para proponer a continuación diversos acuerdos, monopolios o capitulaciones, o conseguir cargos y premios, a cambio de aumentar las rentas reales y desarrollar los diversos sectores económicos novohispanos que por entonces eran inexistentes.

Como característica marcante desta reunião de informações sobre a América espanhola, destacamos o papel essencial desempenhado pelos nativos. Naquele momento fazia-se vital para a obtenção de informações acerca de um determinado assunto a utilização de uma fonte informativa fidedigna (BUSTAMANTE, 2000). Em relação à descrição dos conhecimentos indígenas sobre os recursos de seu ambiente natural, o informante mais indicado seria o próprio nativo. Neste sentido, a Coroa Espanhola fomentou, no século XVI, a extração de informações sobre os recursos naturais, os costumes e a religião nativa, a partir do relato indígena, preferencialmente obtido pelos antigos líderes e homens mais cultos,

Desde nuestro punto de vista, lo más importante y novedoso de esta provisión de 1528 (instrução à Nuno de Guzmán, 1528) radicaba en el método de información propuesto: se pedía una información colegiada (hecha por la Audiencia, el obispo y los generales de las órdenes religiosas, que debían recurrir a los hombres de mayor experiencia y formación), fundamentada en materiales documentales y/o en el testimonio de testigos fidedignos bajo previo juramento, que podían ser – en ambos casos – tanto españoles como indígenas (considerados éstos últimos como los prioritarios). Por otra parte, los capítulos generales a los que había que responder estaban claramente dirigidos al fin de obtener una descripción cosmográfica y topográfica de la tierra, un censo aproximado de sus habitantes y otro, particular, sobre los recursos mineros. (BUSTAMANTE, 2000:40).

Ainda, conforme o franciscano Bernardino de Sahagún afirma no século XVI,

En el dicho pueblo (Tepepulco) hice juntar todos los principales con el señor del pueblo [...] Habéndolos juntados propuseles lo que pretendía hacer y les pedí que me deseen personas hábiles y experimentadas, con quienes pudiese platicar y me supiesen dar razón de lo que les preguntase [...] Otro día vinieron el señor con los principales, y hecho muy solemne parlamento, como ellos entonces le usaban hacer, señalaron me hasta diez o doce principales ancianos y dijeron me que con aquellos podían comunicar y que ellos me darían razón de todo lo que les preguntase. (SAHAGÚN, 1995, p. 77 -78).

Ao governo espanhol fazia-se vital, e urgente, a obtenção de informações acerca dos recursos naturais e sobre as características da humanidade das novas terras. A busca por informações sobre os costumes, religião, legislações e história também esteve presente nestas primeiras ordenações reais, como instrumento colaborador na colonização dos povos recém-conquistados, especialmente na cobrança de tributos e na manutenção do incipiente poder político espanhol. A promulgação das Leis Novas, em 1542-43, foi uma ação do governo

espanhol neste sentido e, em seu texto, indica-se a necessidade obrigatória da coleta de informações sobre as “*cosas de Indias*”: “Item: encargamos y mandamos à los del dicho nuestro Consejo de Indias, que algunas veces platiquen y se ocupen en pensar y saber en qué cosas Nos podemos justamente ser servidos y aprovechados en las cosas de las Indias. (2004:208/209)”.

Outro importante interesse espanhol relacionava-se a necessidade de habitar, sobreviver e colonizar as novas possessões, levando a Coroa espanhola a empreender grandes esforços na coleta e organização destas informações sobre a natureza e humanidades conquistadas. De acordo com Nieto Olarte, foi este empenho espanhol em compreender e mapear a diferença do Novo Mundo que transformou as “terras incógnitas” em “América Espanhola” (NIETO OLARTE, 2009:17).

Bustamante (2000:37) também nos apresenta como a administração espanhola efetivou a reunião e organização destas informações através da criação do *Consejo de Indias*. Este autor afirma que o estabelecimento deste órgão administrativo, em 1524, nos indica a relevância que a coroa espanhola concedia aos assuntos administrativos das novas possessões. Esta instituição possuía um papel vital de articulador e centralizador das informações e administração das distantes colônias espanholas. A partir de 1527 as informações iniciais sobre a América chegavam ao *Consejo* que principiou uma política sistemática de coleta de informações sobre as terras americanas. Além da obtenção e centralização das informações, o *Consejo* financiou a publicação de descrições e relatos sobre a América espanhola, sistematizando as informações recebidas e divulgando-as através destas publicações.

A primeira iniciativa privada em relação ao recolhimento de informações sobre as terras descobertas e conquistadas remonta à Hernan Cortés, em 1523, sendo seguida pelas iniciativas patrocinadas pela Coroa, a partir de 1525, com o documento *Instruccion à Luis de Ponce de León*. Para alguns autores (BUSTAMANTE: 2000) esta compilação das informações naturais e humanas no início da colonização, apresenta-se como a primeira manifestação da precoce Estadística espanhola.

Assim, para a metrópole espanhola fazia-se essencial, não apenas o conhecer sobre as potencialidades dos recursos naturais e cultura nativa, mas o controle sobre este conhecer. Podemos afirmar que a obtenção de informações, seu registro e conservação constituíram a

estratégia mais importante de implantação da sociedade colonial e efetivação da colonização em seu período inicial, “La conquista ibérica del continente americano fue el resultado de una suma de prácticas colectivas en las cuales la información, la comunicación y el conocimiento fueron esenciales para dominar el Nuevo Mundo” (NIETO OLARTE, 2009:13).

Durante este período o próprio conceito europeu sobre conhecimento se transformava. A ênfase na obtenção do conhecimento através da experiência, ou seja, na observação do objeto a ser compreendido, tornou-se um elemento essencial para a produção da “ciência moderna”, em contraposição à autoridade dos clássicos. Neste sentido, o contato com a diversidade natural e humana do Novo Mundo foi uma contribuição importante à transformação do conceito sobre a produção de conhecimento na Europa moderna. A descoberta da América conferiu uma dinamização à experimentação renascentista (MARAVALL, 1951) e apresenta-se como elemento propulsor da busca por entender a natureza através da observação, do empirismo e da tentativa de classificação da natureza.

Podríamos concluir que los problemas derivados de la ciencia aplicada por la necesidad de agrandar las fronteras imperiales en la búsqueda de nuevos territorios transoceánicos, transformaron substancialmente la forma que hasta entonces había existido de representar el mundo. Este cambio de actitud que hizo dar prioridad a la experiencia por encima de cualquier otro como resultado de los largos viajes hacia el Nuevo Mundo no sólo afectó a la representación cartográfica, sino también a otras muchas disciplinas como la medicina o la historia natural, que a partir de entonces modificaron sus métodos de trabajos. (SÁNCHEZ, 2010:456)

Para Maravall (1951: 501), o valor da experiência obtida através do contato com as novas terras em contraposição à autoridade clássica, foi uma característica que marcou sobremaneira o relato espanhol: “Cieza de León, Díaz del Castillo, Zaráte, tantos otros se precian de escribir lo que han visto, lo que conocen por experiencia y no cosas recibidas por autoridad de los antiguos.”

Neste período a ênfase dos renascentistas na observação direta da natureza, como característica metodológica fundadora do novo conhecimento, fomentou um movimento de crítica à autoridade dos clássicos, tidos, até então, como única fonte para a busca da compreensão do mundo natural. Neste quadro, a importância da descoberta da América, dos escritos sobre sua flora, fauna e humanidade e a descrição dos viajantes, foram atividades que impulsionaram uma mudança radical na visão sobre a natureza e metodologia do que seria o

conhecimento deste período. Esta situação, aliada às ideias baconianas de valorização do experimentalismo e espírito crítico de investigação, irão compor o modelo de ciência moderna do Renascimento Científico.

Los naturalistas y exploradores ibéricos, comprometidos con un ambicioso proyecto comercial, político y religioso de conquista del mundo y enfrentados con una geografía, una naturaleza, culturas y razas desconocidas para Europa, se vieron obligados a dejar de lado o examinar críticamente los paradigmas de la antigüedad y construir una nueva forma de entender la naturaleza, cuya legitimidad se sustenta no sólo en la autoridad de autores y textos clásicos, sino también en la experiencia personal y directa de la naturaleza. [...] El encuentro de los europeos con la incógnita naturaleza americana implicó nuevos retos para la ciencia europea. Los exploradores, cartógrafos y naturalistas del siglo XVI debieron nombrar y describir lo desconocido, poner en un lenguaje familiar el extraño mundo natural. La gradual incorporación de una nueva parte del globo dentro de la cartografía clásica, detalladas descripciones de animales, plantas y culturas haciendo uso de referentes domésticos, el uso de nombres cristianos y familiares y en general la producción de textos y de imágenes fueron las estrategias principales en la tarea de domar lo salvaje. (NIETO OLARTE, 2009:16)

De acordo com Gesteira (2004), a cultura dos descobrimentos incluiu a observação, a coleta e a sistematização do conhecimento sobre a natureza, ou seja, procedimentos práticos e teóricos para o entendimento e controle das novidades encontradas, “As notícias e novidades sobre as terras distantes e desconhecidas eram controladas pelos agentes colonizadores e, quando consideradas estratégicas, eram mantidas sob sigilo, permitindo que o Estado controlasse um enorme “banco de dados” (GESTEIRA: 2004, 73)”.

Entretanto, destarte o contato com o Novo Mundo tenha participado decisivamente nas transformações conceituais e técnico-científicas ocorridas na Europa moderna durante os séculos XVII e XVIII, devemos considerar as características presentes no conhecimento acerca do mundo natural dos relatos produzidos no século XVI. O seja, muitos dos autores que se dedicaram a relatar o universo natural e cultural da América nasceram e foram formados na Espanha de início do século XVI, ou seja, período de reformas humanísticas que se difundiam, com intensidades diferentes, por toda a Europa. As concepções sobre a natureza e o cosmos sofreriam transformações importantes que se iniciaram neste momento, entretanto, nos relatos quinhentistas observamos como estas visões ainda se pautavam por tradições de

cunho medieval (ROSSI, 2001). Embora, em muitas questões uma nova mentalidade “científica” estivesse se formando, esta não se apresenta como atitude homogênea aos pensadores e população em geral. Ao contrário, apenas no século seguinte encontraremos rupturas significativas, sendo que durante todo o século XVI, observamos uma justaposição dos conceitos e práticas relacionadas ao ambiente cultural e intelectual medieval e dos novos parâmetros e considerações da “ciência moderna”.

Assim, no século XVI os humanistas não vivenciaram uma nova visão de universo, pautada pela secularização e mecanização, como uma historiografia mais tradicional sobre o Renascimento nos fez crer. Esta mudança ocorreu tempos depois. Conforme Maravall nos apresenta (1951:489-490),

[...] el humanista y el hombre del Renacimiento, no solamente son ajenos a la visión de un mundo desdivinizado, sino que se hayan igualmente a gran distancia de interpretarlo como un mecanismo. Al contrario, muchas de sus figuras representativas se entregan a un estado seudomístico, que les hace ver la naturaleza como un conjunto de fuerzas misteriosas, ciegamente actuantes, ajenas a toda ley y cuyo conocimiento sólo es posible por vía de oculta iniciación [...] pero precisamente ello es posible tan sólo porque se está muy distante de considerarlo como un sistema racional-mecánico. Y hasta se aprecia en la época, desde el punto de vista de una explicación racional de la naturaleza, un evidente retroceso en relación con la escolástica. Se multiplican los tratados de oculta filosofía, de secretos naturales, de monstruosidades más o menos legendarias en la esfera de lo natural.

Os textos e documentos elaborados na Nova Espanha do século XVI pautavam-se por esse cenário epistemológico da Europa pré-Revolução Científica. Em muitos momentos as práticas culturais e de conhecimentos sobre o mundo natural dos indígenas recém-conquistados foram descritas em analogia com o conhecimento europeu. Esta analogia se, muitas vezes concedeu aos conhecimentos indígenas a condição de inferior e os atrelou ao Demônio, em outra percepção, propiciou aos espanhóis sua adequação enquanto elemento cultural marcado pela alteridade. A categorização da cultura e dos saberes indígenas favoreceu seu entendimento e posterior narração por parte dos espanhóis, que se valeram de sua própria cultura e pensamento durante sua busca por informações sobre as comunidades nahuas, e em sua organização nos relatos e documentos produzidos neste momento.

A compreensão do Novo mundo, sua inserção na cultura renascentista e o discurso colonizador

A análise sobre o encontro do Velho e do Novo Mundo através da colonização do continente americano é entendida, neste estudo, a partir das reflexões propostas por Nieto Olarte sobre o conceito de *compreensão*, derivado de Martin Heidegger, no qual compreender é sempre uma forma de auto-compreensão, dinâmica que reconhece a existência dos outros e sua própria existência (NIETO OLARTE, 2009:30-31),

Así que cuando nos referimos, por ejemplo, a la comprensión de América, está implícito un acto reflexivo que no se puede limitar al proceso de aprehensión o comprensión de algo externo, sino que se trata de un proceso en el cual participan activamente y se transforman tanto el sujeto que comprende como los objetos de la comprensión. Es un proceso en el cual de manera simultánea se construyen los agentes y los objetos de la apropiación. 1492 es una fecha en la cual debemos recordar tanto el 'descubrimiento' de América como el de Europa.

A compreensão da América apresenta-se como importante ferramenta de colonização, mas compreender, conforme Nieto Olarte (2009) argumenta, também é uma forma de auto-compreensão. Reconhecer a diferença do "outro" pressupõe uma reflexão sobre a nossa condição. Através do "outro" delimitamos nossa própria identidade. Neste processo de construção da identidade americana pelos europeus, mas também de construção da própria identidade da Europa moderna, a análise do papel desempenhado pelas práticas e saberes dos dois povos e sua relação com a implantação da colonização produz, ainda, uma reflexão sobre a formação dos pilares que embasaram a Europa moderna em seu processo de expansão e centro propulsor da nova ordem que este continente imporá às localidades colonizadas.

La construcción o invención del Nuevo Mundo es entonces inseparable de la invención de Europa. De manera que los viajes de exploración y el afán por crear catálogos e inventarios de la naturaleza, la producción de mapas y de conocimientos sobre geografía, sobre el comercio, la minería, conocimientos médicos, sobre higiene, botánicos, zoológicos, etnográficos, sobre el clima o sobre las costumbres e historia de otras culturas, fueron todas prácticas fundamentales en la consolidación de la ciencia moderna y de Europa, como centro y motor de la historia mundial. (NIETO OLARTE, 2009:31-32)

Deste modo, as dificuldades encontradas quando da compreensão da diferença americana em relação ao modelo cristão e europeu foram solucionadas através da incorporação do Novo Mundo numa ordem cristã eurocêntrica, “[...] las descripciones de los naturalistas europeos del siglo XVI nos enseñan menos sobre las criaturas del Nuevo Mundo y más sobre los sueños y temores del mundo cristiano y sobre la cultura del Renacimiento.” (NIETO OLARTE, 2009:25).

Este discurso de compreensão “do outro” através de sua incorporação é um discurso colonialista que expõe a relação colonizador – colonizado. A história das décadas iniciais do período colonial americano é um discurso europeu – missionário ou colonizador – na grande maioria das fontes documentais produzidas naquele momento que sobreviveram aos nossos dias. A tradução da diferença linguística e cultural dos nativos, ou seja, sua decodificação pelo europeu implica numa “redução do outro ao um” (ORLANDI, 2008: 101) e, neste estudo, buscamos entender este processo de compreensão e incorporação do outro, através da assimilação e do intercâmbio cultural entre as duas sociedades que constituíram a Nova Espanha colonial,

No período colonial, os europeus que estavam engajados no contato e no modo de apropriação da América encontraram no relato uma forma privilegiada de acesso e de difusão (reprodução). O modo que eles encontraram de fazê-lo – aliando crônica e ciência – confere aos relatos a capacidade de juntar uma função esclarecedora (informar sobre o Novo Mundo) a uma função edificante (reafirmar a cultura europeia) e cristianizar o mundo. (ORLANDI, 2008: 113).

O conhecimento da língua, costumes e saberes eram parte essencial deste processo de dominação política e religiosa. “Dar a conhecer o Novo Mundo” através dos relatos continha, em seu cerne, os objetivos religiosos e políticos da Igreja cristã e Coroa espanhola. De acordo com frei Bernardino de Sahagún, “[...] a mí me fue mandado por Sancta obediencia de mi prelado mayor que escribiese en lengua mexicana lo que me pareciese ser útil para la doctrina, cultura y manutencia de la cristiandad destes naturales desta Nueva España.” (SAHAGUN: 1988, 77).

Orlandi (2008: 118) aponta que no século XVI conhecer significava nomear e, no discurso colonizador, nomear seria governar. Conhecer ou “dar a conhecer” pressupõe uma atitude política, pois produz um saldo vital para a colonização – o mapeamento do mundo

natural e suas potencialidades – além de reafirmar a posição privilegiada dos ibéricos em comparação as demais nações européias no processo de colonização das terras americanas. Deste modo, a coleta e sistematização das informações sobre a natureza, conhecimentos e humanidade do Novo Mundo apresentou-se como um dos pilares que sustentaram e permitiram a colonização européia na América.

Considerações finais

A utilização frequente pelos europeus do recurso de analogia em relação à diferença encontrada no Novo Mundo suplanta um possível mecanismo *pedagógico* ou o simples relatar das *cosas de Indias* ao Velho Mundo. Nos textos e normatizações produzidos no século XVI sobre a natureza, conhecimentos e humanidades da Nova Espanha está contemplada uma “visão de mundo” profundamente enraizada na condição política do Novo Mundo em relação a Europa, ou seja, o status da colonização. A principal estratégia política da Espanha estava pautada pela necessária legitimação da conquista territorial e humana da América. Assim, acreditamos ser fundamental a reflexão sobre os embates e circunstâncias políticas vivenciadas no século XVI americano que implicaram em um discurso colonizador e, ainda, em um discurso sobre a América e os usos de seus recursos naturais e conhecimentos nativo.

Referências Bibliográficas

Fontes Documentais

GARCÍA ICAZBALCETA, Joaquín. *Colección de documentos para la história de México*. México: Editorial Porrúa, 1866.

Leyes Nuevas. In: GARCÍA ICAZBALCETA, Joaquín. *Colección de documentos para la história de México*. México: Editorial Porrúa, 1866.

SAHAGÚN, Bernardino. *Historia General de las cosas de la Nueva España*. Mexico: Editorial Porrúa, 1999.

Bibliografia

- ALVAREZ PELÁEZ, Raquel. *La conquista de la naturaleza americana*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1993.
- ALVIM, Márcia Helena. *Dos céus e da terra: conhecimentos sobre o mundo natural nas histórias missionárias do século XVI novo-hispano*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2010.
- BAUDOT, Georges. *La vida cotidiana en la America española en tiempos de Felipe II: siglo XVI*. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.
- BETHELL, Leslie. *Historia da América Latina: América Latina Colonial*. São Paulo: Edusp, 1998, vol.1.
- BUSTAMANTE GARCÍA, Jesús. ¿Degradación universal o identidad particular? El problema de la diversidad cultural y lingüística en la Europa y América del siglo XVI. In: *Fray Bernardino de Sahagún: una revisión crítica de los manuscritos y de su proceso de composición*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1990.
- _____. *El conocimiento como necesidad de Estado: las encuestas oficiales sobre Nueva España durante el reinado de Carlos V*. *Revista de Indias*, 2000, v. LX, n. 218, p. 33-55.
- CAPEL, Horácio. Naturaleza y cultura en los orígenes de la geografía española. In: Lafuente, Antonio; Saladaña, Juan José (coord). *Historia de las ciencias*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1987.
- CAROLINO, Luís Miguel. *Ciência, astrologia e sociedade: a teoria da influência celeste em Portugal (1593-1755)*. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- GESTEIRA, Heloísa Meireles. *A cura do corpo e a conversão da alma – conhecimento da natureza e conquista da América, séculos XVI e XVII*. *Topoi*, v.05, n.08, jan-jun 2004, p. 71-95.
- MARAVALL, José Antonio. *Sobre naturaliza e historia en el humanismo español*. *Arbor*, no. 64, tomo XVIII, 1951, p. 487-511.
- NIETO OLARTE, Mauricio. *Ciencia, imperio, modernidad y eurocentrismo: el mundo atlántico del siglo XVI y la comprensión del Nuevo Mundo*. *Historia Crítica*, Bogotá, 2009, p. 12-32.

_____. *La comprensión del Nuevo Mundo: geografía e historia natural en el siglo XVI*. In: Bonnett, Diana; Castañeda, Felipe (ed). *El Nuevo Mundo: Problemas y debates*. Bogotá: Universidad de los Andes, 2004, p. 1-21. <http://historiadelaciencia-m.uniandes.edu.co> consultado em 30/05/2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Terra à vista – discurso do confronto: Velho e Novo Mundo*. Campinas: Editora Unicamp, 2008.

RICARD, Robert. *La conquista espiritual de México*. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

ROSSI, Paolo. *A ciência e a filosofia dos modernos*. São Paulo: Unesp, 1992.

_____. *O nascimento da ciência moderna na Europa*. Bauru: Edusc, 2001.

SANCHEZ, Antonio. *La voz de los artesanos en el Renacimiento científico: cosmógrafos y cartógrafos en el preludio de la “nueva filosofía natural*. *Arbor*, CLXXXVI, 743, 2010, p.449-460.

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

VIEJO SARABIA, Maria Justina. *Remedios para la Nueva España. El México del siglo XVI a través de las informaciones enviadas a la Corona*. *Anuario de Estudios Americanos*, Tomo LVIII, 2, 2001, p.415-436.